

APRESENTAÇÃO

A revista *Matraga*, do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tem seu número 34 dedicado aos Estudos Linguísticos e traz como tema “Saussure e a linguística novecentista”, com o propósito de celebrar o centenário da morte de Ferdinand de Saussure (1857-1913), considerado pai da Linguística Moderna, especialmente da corrente estrutural, que ganhou notoriedade dos estudos científicos nas ciências humanas em meados do século XX.

Os estudos do mestre genebrino propiciaram o desenvolvimento da linguística como ciência autônoma. Para tanto contribuiu a obra intitulada *Curso de Linguística Geral*, organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger, a partir de notas tomadas por alguns alunos durante três anos de curso ministrado por Saussure, no período de 1907 a 1911, em Genebra. A obra mantém-se, até hoje, como referência obrigatória no campo da ciência linguística.

A palavra “ciência” provém do latim *scientia* e designa a faculdade mental do conhecimento. De acordo com o dicionário Aurélio (2009: 463), ciência constitui “atividade, disciplina ou estudo voltado para um ramo do conhecimento”, formando um corpo sistematizado, adquirido “via observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias de fenômenos e fatos” e formulado “metódica e racionalmente”.

A evolução do pensamento científico mostra que os paradigmas vão se modificando ao longo do tempo, e cada novo passo à frente apoia-se em fundamentos anteriormente estabelecidos, reafirmados ou contestados.

No caso específico dos estudos saussurianos, sua teoria representa uma mudança fundamental para longe das explicações naturalísticas que imperavam nos estudos da linguagem no século XIX. As contribuições do linguista foram tais que influenciaram os formalistas russos, a escola de Copenhagem, os estruturalistas, a escola de Praga e os pós-estruturalistas.

Causam, pois, estranheza afirmativas de que os estudos de Saussure estariam superados. As próprias ideias que norteiam a elaboração do presente número de *Matraga* provam o contrário, quais sejam as repercussões da linguística saussuriana cem anos depois,

considerando correntes linguísticas do século XX que se apoiam na referida teoria, bem como retificações e recontextualizações.

Os artigos que compõem o corpo da revista concretizam os propósitos estabelecidos, cada um a seu modo dialogando com a obra saussuriana. Alguns artigos fazem uma releitura criteriosa da obra; outros, um trabalho interpretativo desses textos, uma tarefa árdua considerando que jamais foram escritos. Outros, ainda, usam esses textos canônicos de forma implícita.

A apresentação dos artigos segue o critério de ordenação de temas genéricos para temas específicos, ou seja, a ordenação parte de artigos que travam diálogo explícito com a obra e termina com outros que usam Saussure como pano de fundo para (re)pensar práticas analíticas.

Dessa forma, Castelar de Carvalho traz uma síntese das célebres dicotomias: significado/significante, arbitrariedade/linearidade, língua/fala, sincronia/diacronia, sintagma/paradigma, e a decorrência natural de toda essa concepção estruturalista da linguagem: a noção de valor.

Eliane Silveira apresenta uma reflexão a respeito da produção de Saussure, na última década do século XIX, chegando à constatação de que ela foi altamente produtiva, legando à posteridade princípios teóricos incontornáveis aos estudiosos da língua.

Helênio Fonseca de Oliveira demonstra que as categorias saussurianas continuam subjacentes à produção científica dos atuais estudiosos da linguagem, às vezes reformuladas, às vezes enriquecidas, mas de tal forma entranhadas na cultura linguística posterior a 1916, que as empregamos sem nos darmos conta de que se trata delas, a tal ponto que descrever línguas sem as levar em conta é muitas vezes, ainda hoje, um erro epistemológico.

O artigo de José Luiz Fiorin discute uma das críticas mais frequentes a Saussure: a de que sua teoria esvaziou a língua de sua historicidade, de que pensou a língua como um objeto destituído de dimensão histórica, considerando-a um sistema que se basta a si mesmo e busca mostrar que tal acusação deriva de má leitura do *Curso de Linguística Geral*.

Darcília Marindir Simões e Claudio Artur O. Rei falam sobre o percurso histórico de Saussure e dialogam com a obra com a visão de professores de português, afirmando que conhecer Saussure é essencial para a formação de professor de línguas.

Ricardo Lopes Leite faz uma interessante contribuição sobre a teorização da sílaba que, apesar de pouco citada por aqueles que se dedicam à obra do mestre genebrino, é entendida pelo autor como evidência da originalidade da reflexão saussuriana sobre fonologia.

Leci Borges Barbisan traz a presença de conceitos de Saussure em teorias do século XX, entre as quais destaca a Teoria da Argumentação na Língua, semântica linguística criada por Oswald Ducrot.

O artigo de Márcia Romero e Valdir do Nascimento Flores analisa os desdobramentos da reflexão saussuriana na teoria enunciativa de A. Culioli, com a relação que se estabelece entre conservação e variação linguísticas.

Maria Teresa Gonçalves Pereira, a partir dos escritos de Saussure, aviva e resgata a relevância da etimologia popular no rol dos recursos da língua disponíveis para pesquisa e análise.

André Crim Valente e Fabiana dos Anjos Pinto partem de reflexões de estudiosos da obra saussuriana e buscam estabelecer vínculos desta com a Análise do Discurso, mais especificamente com a corrente semiolinguística do discurso, tendo como base teórica a obra de Patrick Charaudeau, com destaque para o conceito de contrato de comunicação.

A leitura que Lacan fez de Saussure é o objeto do artigo de Maria de Fátima Vilar de Melo e Glória Maria Monteiro de Carvalho. As autoras defendem que Lacan fez mais do que uma mera subversão das ideias de Saussure. Na realidade discutem que o que Lacan fez foi uma leitura precisa e inovadora dessas ideias, discussão essa que dá um lugar de destaque para a Teoria de Valor.

Nos próximos dois artigos, Louise Ravelli e Tony Berber Sardinha usam Saussure como um pano de fundo. Louise Ravelli analisa com detalhes como um prédio de linhas modernas de sua universidade constrói significados com seus 'leitores'. Tony Berber Sardinha reflete sobre sua prática de linguista de *corpus* e mantém que o futuro da Linguística de Corpus é ser uma linguística da *parole* – algo que Saussure não nos deixou. Para tal examina de forma empírica dois importantes *insights* de Saussure: a liberdade de combinação da *parole* e a heterogeneidade da linguagem em uso.

Por fim, Paul J. Thibault nos apresenta uma reflexão densa e cuidadosa sobre as relações associativas e sintagmáticas de Saussure e seu lugar na memória do “sujeito falante”, trazendo à discussão teóricos da atualidade e contemporâneos de Saussure.

Os quatorze artigos do número 34 da Matraga estão longe de terem coberto totalmente a obra de Saussure e seu impacto no século XX. Esperamos, no entanto, que este volume suscite boas leituras e instigue o leitor a refletir de maneira consistente sobre o legado do pensamento saussuriano.

Tania Maria Nunes de Lima Camara
Tania Maria Granja Shepherd